

**Os planos  
deles**

**agora**

**Os cinco trabalhos vencedores  
do concurso "Vamos fazer um plano",  
elaborados por alunos e editados  
pela equipa do PÚBLICO**

**Caderno especial de 16 páginas**

**também**

**são nossos**

## Vamos fazer um plano O concurso



FOTOGRAFIAS: DANIEL ROCHA



# Quantas histórias conta um plano?

## Tantas quantas estes jovens quiserem

Alunos de Arganil, Castro Daire, Colos, Covilhã e Moçambique venceram o concurso “Vamos Fazer um Plano”. Este caderno especial resulta de uma mentoria que fazia parte do prémio. *Por Carolina Franco*

**N**um dia normal na redação do PÚBLICO em Lisboa, a hora de almoço costuma ser silenciosa. Reina a calma, por vezes tão necessária para conseguir escrever um texto que está a ser mais difícil de começar. No início de junho, o silêncio rompeu-se com conversas entusiasmadas que se ouviam da entrada. Chegavam os primeiros dois grupos vencedores do concurso “Vamos fazer um plano”, vindos de Arganil e Castro Daire, para completar o processo de mentoria que fazia parte do prémio. Por uma tarde, era como se fossem jornalistas do PÚBLICO, a editar os seus textos com as jornalistas Bárbara Simões e Lucinda Canelas e a idealizar um plano – um trabalho de duas páginas – com Sónia Matos, diretora de arte do jornal.

“Mas, afinal, para que serve um plano?”, perguntou Sónia Matos, logo no início. Na primeira parte deste dia na redação, os grupos de alunos do 9.ºC, do Agrupamento de Escolas de Castro Daire, e do 10.ºF, Agrupamento de Escolas de Arganil, tiveram a resposta para esta pergun-

ta e puderam comentar o trabalho que lhes valeu a vitória. Se ali estavam, era porque tinham merecido destaque. Mas, como em qualquer trabalho jornalístico, há sempre espaço para melhorar.

Muito do que sabiam até ali era fruto da pesquisa feita para participar no concurso que resultou de uma parceria entre o Plano Nacional das Artes e o projeto PÚBLICO na Escola. O trabalho da turma de Castro Daire sobre uma estação arqueológica e o da turma de Arganil sobre um festival de curtas-metragens respondiam, como os restantes três trabalhos vencedores, à proposta de “Vamos fazer um plano”: eram trabalhos de duas páginas dedicados à cultura, que valorizavam o património material ou imaterial do quilómetro quadrado cultural em que estavam inscritos, com textos dos alunos e paginação apelativa. E destacaram-se entre 71 trabalhos enviados a partir de 43 escolas ou agrupamentos de escolas.

O júri – composto por Bárbara Simões, coordenadora do PÚBLICO na Escola, e Lucinda Canelas, jorna-

lista da secção de Cultura do PÚBLICO; Ana Bela da Conceição, Paula Soares e Paulo Lima, coordenadores intermunicipais do Plano Nacional das Artes – tinha a tarefa de selecionar os cinco melhores planos. Deviam distinguir-se não só pela qualidade do material apresentado, mas também pelas possibilidades que deixassem em aberto num processo de edição posterior.

Um dos momentos altos da visita à redação foi ver o resultado final do plano, já paginado ao estilo do PÚBLICO. “Ficou ainda melhor do que esperava”, disse Érica Pereirinha, de 15 anos, sobre o trabalho que ajudou a construir em Castro Daire. Se já tinha valido a pena todo o processo de construção deste projeto de turma, que implicou a visita a um lugar que não conhecia e que até há bem pouco tempo estava pouco acessível – a estação arqueológica Pedra dos Pratos –, ver o resultado mais próximo do final foi entusiasmante. “Foi bastante interessante conhecer o que não conhecíamos. E agora sabermos que isto vai ter muita divulgação e causar interesse nas

**Tarde de mentoria com os alunos de Arganil e Castro Daire. Visita à redação e trabalho no anfiteatro com a diretora de arte do PÚBLICO**

“Foi interessante conhecer o que não conhecíamos. E agora sabermos que isto vai ter muita divulgação... é muito bom”

**Rodrigo Pinto**  
Aluno do 9.º ano, Castro Daire

peças... é muito bom”, partilhou Rodrigo Pinto, de 14 anos, colega de Érica.

Depois de, no auditório do jornal, os grupos comentarem as alterações feitas aos seus planos, seguia-se uma visita à redação. Neste dia, um dos assuntos de capa do jornal era o julgamento de Amber Heard e Johnny Depp, que quase todos os alunos comentaram entre si. Estavam a par das notícias do dia. Caminharam pela redação e puderam conversar com os gestores de redes sociais do PÚBLICO e conhecer os cantos à casa – até aqueles que não imaginavam sequer que existiam, como a pequena sala de gravação de podcasts. “Que fixe!”, ouviu-se num burburinho entre o grupo de Arganil, que se interessa pelo mundo audiovisual.

O mês de junho já ia a meio quando chegou a vez de os alunos do 7.ºA/B do Agrupamento de Colos (Odemira) conhecerem a redação. Nesse dia receberam a visita de Paulo Pires do Vale, comissário do Plano Nacional das

## Vamos fazer um plano O concurso



Artes, que deixou uma mensagem sobre a importância de estar disposto a ouvir a opinião das outras pessoas – e de dar opinião. “Não tenham medo da crítica nem de assumir a vossa posição. Não esperem até serem adultos para dizerem o que vocês pensam”, disse o comissário ainda antes de o trabalho em mentoria naquele dia ser comentado.

“A nossa segunda casa” era o nome do plano do grupo de Colos, cujo projeto de escola surpreendeu Lucinda Canelas, uma das mentoras e também membro do júri. “Não sabia que havia escolas em Portugal a trabalhar território e paisagem com esta profundidade”, disse a jornalista aos alunos e professores. E no dia seguinte o auditório recebeu mais um grupo com proximidade ao território, cujo plano – “As Artes que a Escola Tece” – partilhava o diálogo permanente entre escola e comunidade, na Covilhã.

Os alunos do 12.ºB, única turma de artes deste grau de escolaridade na Escola Secundária Campos Melo,

chegaram particularmente entusiasmados. Com o PÚBLICO do dia na mão, iam acenando à medida que as mentoras introduziam nas dinâmicas de produção de um jornal diário. Havia quem se interessasse por *design* e não se inibisse de tirar dúvidas com Sónia Matos. “Com que antecedência se fazem os planos ilustrados?”, pergunta Vasco Marrocano, de 18 anos. Chegado o momento de ver o plano final, ouve-se um “aaah!” em uníssono. E é aí que chega o ministro da Educação, João Costa.

“Sempre que há um prémio atribuído, eu digo que os alunos que receberam o prémio têm uma responsabilidade imensa, que é levar isto para outras pessoas e contagiar os que estão à sua volta.” O país, sublinhou o ministro, não se faz só com atletas olímpicos, “faz-se com pessoas que ajudam as outras a correr”. Disseminem agora isto pela vossa escola, partilhem com os vossos colegas. Sejam embaixadores desta iniciativa”, disse João Costa ao grupo que ali se encontrava.

No dia 15 de junho, quatro de cinco vencedores do concurso “Vamos



**O mês de junho ia a meio quando o grupo de alunos do Agrupamento de Escolas de Colos esteve na redação do PÚBLICO a acompanhar como são feitos os trabalhos em plano**

Fazer um Plano” já tinham visitado a redação do PÚBLICO. Os alunos do 12.ºA3 da Escola Portuguesa de Moçambique, em Maputo, ainda não o fizeram, mas tiveram, como os restantes colegas vencedores do concurso, o seu processo de mentoria. Com Sónia Matos, Bárbara Simões e Lucinda Canelas, chegaram a novas possibilidades no seu trabalho que valoriza a “Alma de Moçambique”.

Vasco Marrocano, aluno da Covilhã, disse ao PÚBLICO na Escola, já perto da despedida, que estava certo de que ia levar consigo tudo o que tinha aprendido com esta experiência, inclusive a “sermos críticos em relação ao nosso trabalho e sabermos ouvir os outros”. A professora Ana Fidalgo, que o acompanhava, anuiu e acrescentou que esta experiência foi “muito importante para os alunos valorizarem aquilo que fazem”.

Além dos cinco trabalhos vencedores, o júri decidiu premiar mais cinco finalistas cujos planos mereceram destaque. Os seus trabalhos serão publicados no site do PÚBLICO na Escola.

## As mãos na massa do jornalismo

### Opinião



Manuel Carvalho

**H**á muitas formas de promover a literacia dos *media* junto dos mais novos. No PÚBLICO na Escola gostamos de usar todas. Com uma grande nuance: preferimos a prática à teoria, a experiência à tese, o risco de fazer ao conforto de não ousar. E, como bem demonstra a adesão das escolas e dos alunos a esta iniciativa que partilhámos com o Plano Nacional das Artes, não estamos sozinhos. Pelo contrário, ficou uma vez mais demonstrado que se forem desafiadas a fazer, as escolas aceitam o desafio e são capazes de produzir trabalhos de jornalismo muito bons.

Nós sabemos que o debate sobre o jornalismo, a liberdade de expressão, a democracia, o combate à desinformação é crucial para a qualidade da nossa vida

numa sociedade livre, aberta e plural. Sabemos também que, como jornal de dimensão nacional, temos particulares responsabilidades em promover esse debate, e em particular junto dos mais novos. Mas temos a perfeita noção de que este trabalho é complexo. Precisamos por isso de parcerias. Precisamos de envolver professores e escolas. Precisamos de equipas especialmente focadas nas múltiplas facetas da literacia mediática.

Todas essas necessidades se conjugaram na execução desta iniciativa. A ideia dos mentores do Plano Nacional das Artes era boa, a nossa equipa assumiu-a e mais de 40 escolas responderam ao desafio apresentando mais de 70 trabalhos. Em cada um deles é possível perceber como o jornalismo é uma ferramenta importante no processo educativo. Notava-se na sua formulação e desenvolvimento muita discussão sobre os temas, muito trabalho de equipa para os comunicar, muito entusiasmo, dedicação e profissionalismo.

Da nossa parte, fizemos o que gostamos e sabemos fazer. Conduzimos acções de formação, apoiámos professores no evoluir do processo e dedicámos sessões de curadoria gráfica aos projectos que chegaram à final. Aqui, como em tantos outros momentos do PÚBLICO na Escola, a nossa satisfação foi muito além dos resultados: partilhar a satisfação dos jovens e dos professores é sempre uma recompensa especial.

Uma palavra especial de agradecimento ao Plano Nacional das Artes, na pessoa do seu comissário, Paulo Pires do Vale, por ter confiado em nós em tão bela iniciativa. Uma palavra também aos nossos parceiros do PÚBLICO na Escola, o Ministério da Educação e a Fundação Belmiro de Azevedo. Uma nota especial à equipa do PÚBLICO que dirigiu este projecto com tanto carinho e entusiasmo. E, obviamente, um agradecimento a todos os professores e alunos que garantiram o sucesso deste “Vamos fazer um Plano”.

## Um Plano em planos: porquê?

### Opinião



Paulo Pires do Vale

**P**orque precisamos de tornar cada um, em particular os mais jovens, activistas atentos e cuidadores responsáveis pelo seu km2 cultural: que sejam agentes culturais.

Porque os jovens não são um qualquer futuro por vir, mas já o presente, cidadãos responsáveis pelo ambiente cultural de todos. Não devem esperar para mostrar no espaço público o que pensam ou sentem e como as manifestações culturais são reinterpretadas e ressignificadas por eles. Precisamos já dessas vozes.

Porque é fundamental atendermos a outros pontos de vista e criarmos, em comum, em escuta atenta e diálogo intergeracional, o sentido cultural de uma comunidade: a cultura não é simples transmissão do já feito, mas tarefa infinita, sempre em acção.

Para valorizar a diversidade cultural do território, o património de proximidade e as diferentes linguagens artísticas – e dessa forma, valorizarmos os cidadãos e a

sua participação única na vida comunitária: assumir a democracia cultural como paradigma.

Para permitir que as palavras da estratégia do Plano Nacional das Artes se tornem carne e se manifestem nos planos (as duplas páginas abertas à nossa frente) do PÚBLICO – e nos permitam perceber como essa incarnação tem de tomar a forma única desse lugar, de quem o habita e nele cria cultura.

Porque a escola pode encontrar nas instituições culturais e nos meios de comunicação, como o jornal PÚBLICO, um território educativo: aliados para cumprir a sua missão. Um conhecimento mais íntimo do funcionamento dos meios de comunicação, do trabalho dos jornalistas e o consequente desenvolvimento da literacia mediática, permitirá uma democracia mais saudável e fortalecida.

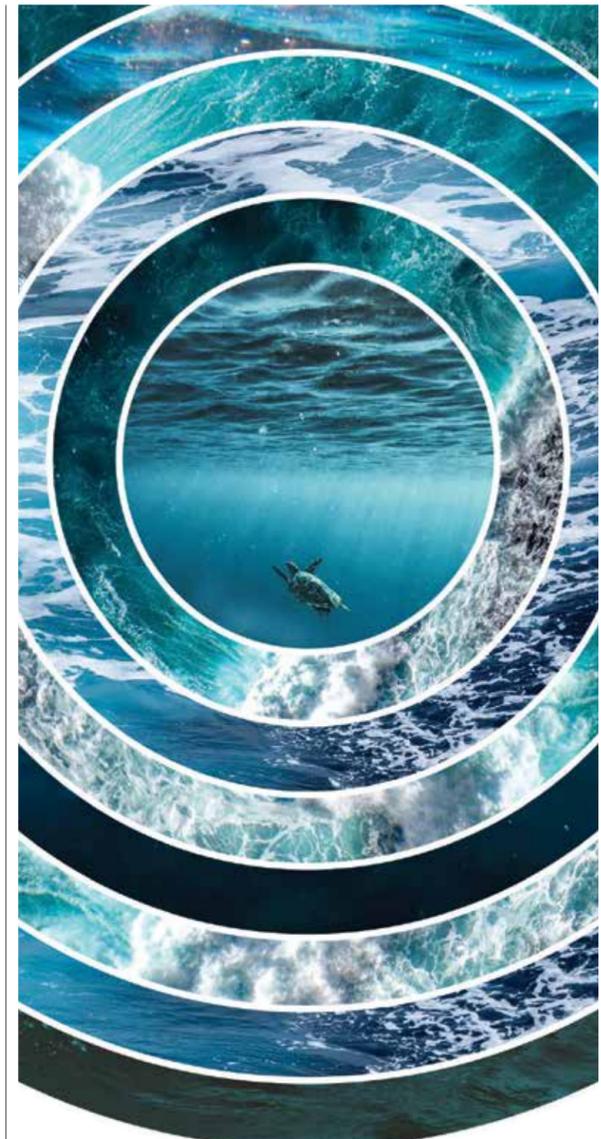
Porque as escolas são polos culturais e é preciso comunicar melhor essa produção – o Direito constitucional à cultura não é só o de a fruir, mas o de a produzir.

Há momentos em que não ter planos é importante, para estarmos disponíveis para o inesperado – um lançar-se à estrada sem outro objectivo que não a viagem. Já todos experimentámos, também, como a

vida se encarrega de alterar os planos arrumados que fazemos. No entanto, é porque esses desvios são determinantes que fazemos planos. Mesmo quando queremos estar desorientados, a possibilidade de consultar o mapa dá-nos segurança nessa desorientação.

Vamos continuar a fazer planos? Pegar no Plano ([www.pna.gov.pt](http://www.pna.gov.pt)) com as suas mãos, territorializá-lo de forma plástica e única em cada lugar? Tomar a palavra (o desenho, a fotografia, o design...) e dar a conhecer o que, por todo o país, já existe ou quer existir? Precisamos de mais activistas culturais, como os que aqui se dão a conhecer – alunos, professores, artistas e jornalistas –, para que os nossos planos para uma cidadania cultural mais consciente e participada se cumpram. Precisamos de parceiros como o Jornal PÚBLICO, e o PÚBLICO na escola, para que se dê espaço público a estes jovens, que estes planos semeiem outros e o nosso horizonte cultural se dilate. Obrigado, muito obrigado, a todas e a todos que fazem planos e tornam o Plano em matéria viva.

**Comissário do Plano Nacional das Artes**



## HÁ UM MUNDO PARA SALVAR

Não há como o tempo de férias para olharmos com mais atenção para o que nos rodeia. Descobrir o mundo de espanto em que vivemos é também sermos convocados para as ameaças que sobre ele pendem. Com o Azul queremos fazer do conhecimento e da ciência alavancas para o equilíbrio entre o homem e o planeta.

Saber mais é cuidar melhor.  
Saiba mais em [publico.pt/azul](http://publico.pt/azul)



**azul.**  
O JORNALISMO QUE FAZ BEM AO PLANETA

Vamos fazer um plano Cinedita

# Curtas

**cinedita**  
festival de curtas de arganil

## A DreamWorks chegou a Arganil



Atenção jovens criativos do ensino secundário e do superior: estão abertas as inscrições para mais uma edição do Cinedita - Festival de Curtas de Arganil. Um “certame de referência na região e no país”, uma “iniciativa comunitária, inclusiva e formativa”. E que dá gosto fazer



**É** com a cor, com a vida, com o otimismo, com a verdade do cinema da DreamWorks que os jovens estudantes do Curso Profissional Técnico/a de Multimédia, da Escola Secundária de Arganil, anunciam a 7.ª edição do Cinedita - Festival de Curtas de Arganil.

Porque os tempos são de reviravolta, de novos desafios, de novos começos, de novos heróis e novas heroínas! Porque o cinema, essa linguagem universal, tem tanto esse poder de mudança, tem tanto essa força invisível que emociona, que faz acreditar, que partilha e dá coragem!

E é com este guião que é dado o alerta, a todos os jovens criativos do ensino secundário, profissional e superior, da abertura das inscrições para esta 7.ª edição!

O festival decorre entre os dias 3 e 6 de maio. As categorias a concu-

Alunos das três turmas de Multimédia que organizaram o festival deste ano

so são: Animação, Documentário, Experimental e Ficção. Desta vez, é o universo dos estúdios de animação DreamWorks que funciona como tema inspirador. Os prémios vão de 400 euros, atribuídos à melhor curta-metragem a concurso, a 150 para a melhor curta em cada categoria. Todos os filmes selecionados irão ter uma projeção cinematográfica e em ecrã de cinema, no auditório Municipal da Antiga Cerâmica Arganilense, a histórica fábrica da telha, cujas instalações foram reconvertidas, depois de anos de inatividade.

As inscrições vão estar abertas até 31 de março. Os alunos interessados em participar devem ler com atenção o regulamento e preencher a ficha de inscrição, disponível no site do festival ([www.cinedita.pt](http://www.cinedita.pt)).

O cinema, a cultura cinematográfica, a sua dinamização e divulgação é o propósito que, desde 2016, acompanha o Cinedita - numa sensibilização e partilha, de jovens para jovens, por uma maior visibilidade dos seus projetos, por uma maior aposta no seu futuro.

**Aos olhos de...**

O músico Laurent Filipe fez parte do júri do Cinedita em 2017. Convidado a dar a sua opinião acerca do festival, começa por dizer que este “está de parabéns pelo sucesso de uma iniciativa comunitária, inclusiva e formativa”. “As oficinas e *workshops* que promove aliam-se à visibilidade dos projetos académicos, constituindo uma oportunidade fundamental na descoberta e apresentação de novos talentos, no desafio à criação e na motivação de jovens”, considera. “É meu desejo que esta seja a confirmação e continuação de uma iniciativa exemplar.”

Para a direção do Agrupamento de Escolas de Arganil, organizador do evento, “o Cinedita - Festival de Curtas de Arganil é já um certame de referência educativa e cultural na nossa região e no país, pelo facto de fomentar a sétima arte a partir e ao seio do Agrupamento de Escolas de Arganil, quer pela promoção de filmes/documentários inéditos e de autor, quer pela grande adesão do público em geral e dos nossos alunos em particular”. Neste sentido, o festival “tornou-se um momento de partilha e de convivência, em que a cultura e as aprendizagens se tornam traves-mestras deste projeto e a inclusão se torna uma forma de ser e estar diferente, integrando todos aqueles que se reveem neste desafio”.

Este trabalho em plano foi elaborado, no âmbito de uma Unidade de Formação de Curta Duração – Comunicação Visual, pela turma do 10.º ano do Curso Profissional Técnico/a de Multimédia da Escola Secundária de Arganil

**ENTREVISTA COM**  
JOANA BARROCA

**Como vives o cinema?**

O cinema para mim foi sempre importante, desde pequena que sou fascinada pelo mundo cinematográfico. Estou atenta aos lançamentos e vou revisitando os filmes mais antigos. Considero que o cinema é um dos melhores sítios para aumentar a nossa cultura geral e conhecermos outras realidades, outras culturas.

**Julgas que o cinema académico/escolar tem espaço suficiente em Portugal?**

Sou estudante da ESAD, onde existem cursos na área do Som, da Imagem e da Multimédia e considero que o cinema realizado nesse âmbito precisa de mais palcos para ser mostrado e sair de dentro das paredes das escolas. Os canais televisivos portugueses deveriam mostrar mais filmes de criadores nacionais, quer para os

**ENTREVISTA COM**  
GONÇALO DIAS

**Como vives o cinema?**

Gosto de cinema enquanto arte visual e como forma de expressarmos as nossas ideias e opiniões sobre o mundo que nos rodeia. Embora não seja um espectador assíduo de tudo o que é feito na indústria, vivo o cinema intensamente. Não tanto pelo consumo, nos dias de hoje bastante acessível, mas mais pela aprendizagem, na teoria e na prática, de como criar uma peça cinematográfica.

**O cinema académico tem espaço suficiente em Portugal?**

Sinto que existe um conjunto de boas iniciativas que dão espaço ao cinema académico. No entanto, nunca é demais incentivar a criação académica, pois possibilita um espaço que combina aprendizagem e produção, sem exigir um alto nível de recursos financeiros.

**Onde vais buscar a inspiração para a criação das tuas curtas?**

Na maioria das vezes, a inspiração vem simplesmente de uma observação ou reflexão particular sobre o mundo. Gosto de explorar problemas da sociedade, tendências humanas, e por isso acabo por ir “beber” um pouco ao

Adivinha o tema de cada edição do Cinedita



dar a conhecer quer para os ajudar a promoverem-se.

**O que representa para ti o Cinedita?**

Durante três anos o Cinedita fez parte do meu percurso escolar, com ele aprendi o que é preciso para organizar um evento. No meu primeiro ano realizei, em conjunto com uma colega, uma curta, que, apesar de não ter vencido, me deu a experiência



ramo da sociologia e da psicologia. No turbilhão de estímulos que recebemos todos os dias, faltam-nos momentos para observar e para refletir. Mas, para mim, é nesses momentos que surge a inspiração.

**Como tiveste conhecimento do Cinedita?**

Na minha escola (Escola Superior de Educação de Coimbra), mais concretamente a partir do meu professor de Oficina de Videoarte, que incentivou a nossa candidatura ao festival com uma curta produzida no âmbito da disciplina.

**Porque participaste? Como viveste essa participação?**

Acredito que divulgar a nossa arte, seja em que meio for, é sempre bom. Não estava à

incrível de ver uma realização minha projetada, em ecrã de cinema, numa sala a abarrotar.

**Qual a importância de projetos como este para a comunidade escolar?**

Acho importantíssimo que existam. Por um lado, dão oportunidade aos alunos de colocar em prática as aprendizagens realizadas. Por outro, permitem-lhes desenvolver várias áreas de interesse, como o vídeo e a organização de eventos. Para além disso, mostra-se à comunidade que nas escolas se faz cultura.

**Define, numa palavra, Cinedita?**

Esplêndido!

Aluna da Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria e ex-aluna da Secundária de Arganil

**Os vencedores do concurso deste ano**



**Melhor filme**  
**Em Quadrado**

**Autores:** David Barbosa, Daniel Teixeira, Maria Duarte, Lara Pereira, Nuno Magalhães e Vítor Sousa

**Escola Secundária de Lousada**



**Melhor curta de animação**  
**Blindfold**

**Autor:** Afonso Leite

**Escola Artística Soares dos Reis Selcouth**

**Autora:** Margarida Cunha

**Escola Artística Soares dos Reis**



**Melhor curta de documentário**  
**Século Abandonado: Os pavilhões do Parque**

**Autores:** Laura Soares, Henrique Rangel, Dinis Justino, Leandro Frias, Ema Serrano, Manuela Penafria

**Universidade da Beira Interior**



**Melhor curta de experimental**  
**A vida de uma cavaca**

**Autor:** Luís Filipe Borges

**Universidade de Aveiro**

**Melhor curta de ficção**  
**Os cães são mais bonitos quando estão molhados**

**Autor:** Salvador Lobo Xavier

**Escola Artística Soares dos Reis**

[Lista agora acrescentada ao plano inicial, submetido a concurso antes do Cinedita]

## Vamos fazer um plano Pedra dos Pratos



# Gravuras rupestres

## As dezoito espirais desconhecidas

Poucos sabiam que a rocha gravada há cerca de seis mil anos ali estava e muito menos como dar com ela. Apostados em salvar e divulgar o património arqueológico da sua região, os alunos do 9.º C do Agrupamento de Escolas de Castro Daire puseram mãos à obra

A estação arqueológica Pedra dos Pratos fica na vertente norte do monte de São Lourenço, em terreno baldio e virada para o Rio Paiva, a cerca de 20 quilómetros de Castro Daire. Foi no primeiro período letivo de 2021/2022, no âmbito do Desenvolvimento da Atividade Curricular (DAC), que os alunos do 9.º C a visitaram.

Este local de interesse patrimonial com gravuras rupestres em monólitos não é único no concelho de Castro Daire, mas merece, definitivamente, maior e melhor divulgação.

Aquando da saída de campo a estação não reunia condições para ser visitada, pois não estava bem sinalizada, nem vedada. Quem ali chegasse vindo da povoação mais próxima, Covelo de Paiva, na freguesia de Moledo, uma aldeia com poucas casas e poucas pessoas, teria dificuldade em encontrar a rocha gravada com 18 espirais e vários reticulados, motivos comuns a muitas comunidades humanas de há milhares de anos, em diferentes pontos do planeta.

Pertencentes à “tipologia básica da arte rupestre do noroeste peninsular”, as gravuras da Pedra dos Pratos terão sido feitas no período entre o calcolítico e a Idade do Bronze, ou seja, entre os anos 4000 e 3000 a.C..

Apostados em divulgar e valorizar este património, os alunos aproveitaram este projeto para desenvolver uma série de iniciativas capazes de levar um público cada vez mais alargado a descobri-lo.

Fizeram um vídeo promocional da Pedra dos Pratos, com a participação do Professor Auxiliar Armando Redentor, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que depois colocaram no YouTube, no site da Câmara Municipal de Castro Daire e nas plataformas disponibilizadas pelo Plano Nacional das Artes e pela Direção-Geral da Educação. Em complemento, realizaram uma exposição na Biblioteca Municipal de Castro Daire e na Junta de Freguesia de Moledo.

### Património escondido

Nas últimas décadas o turismo dito “cultural” ganhou notoriedade e a sua importância no mercado do turismo global tem vindo a crescer substancialmente.

Uma das principais preocupações de uma gestão abrangente dos sítios arqueológicos deve ser torná-los acessíveis a todos os indivíduos. Porém, de acordo com os resultados obtidos com a aplicação de um inquérito de opinião que visava avaliar o grau de conhecimento/satisfação destas gravuras, constatou-se que tal não se verificava com esta estação arqueológica.

Os inquiridos consideraram que,



**Alunos durante uma visita à estação arqueológica Pedra dos Pratos, localizada na vertente norte do monte de São Lourenço e virada para o Rio Paiva, no concelho de Castro Daire. No local há uma rocha com 18 espirais gravadas há cerca de seis mil anos**



se este local não está devidamente identificado e não tem acessos apropriados, dificilmente poderá contribuir para o desenvolvimento local. Além disso, a sua divulgação é inexistente, o que faz com que, no concelho de Castro Daire, praticamente apenas os habitantes da aldeia de Covelo de Paiva conheçam a Pedra dos Pratos.

Na tentativa de solucionar/minimizar estes problemas, a turma 9.ºC deste Agrupamento, no âmbito do Desenvolvimento da Atividade Curricular, uma das áreas do Projeto Cultural de Escola - Plano Nacional das Artes, está a promover as atividades já mencionadas, cujos objetivos primordiais são divulgar e alertar a população e as entidades do concelho para a necessidade de salvaguardar e valorizar o património cultural de proximidade.

Como reconhecimento da sua importância, do seu interesse didático e pedagógico, estas gravuras rupestres foram já inseridas num roteiro pedagógico do Projeto Descobre e Aprende em Viseu, da Comunidade Intermunicipal Viseu, Dão e Lafões.

Recentemente, depois de os alunos terem ido ao local e de sobre ele terem escrito, expondo a sua situação de abandono, foram realizados trabalhos de limpeza da vegetação, abrindo-se caminho até à rocha gravada. Uma melhoria substancial que só tornará este lugar verdadeiramente acessível se as entidades responsáveis fizerem a manutenção regular do espaço, que merecia outra sinalética e painéis explicativos na estrada municipal, até porque investigação em torno deste tipo de gravuras em território português é o que não falta.

## Vamos fazer um plano Arte e paisagem

# A nossa segunda casa

Uma escola onde os alunos são incentivados a ler, ensinados a olhar para a paisagem, a compreender o que os rodeia através das artes, da plantação de sobreiros ou da apanha da azeitona. Em Colos, Odemira. Um lugar assim só pode mesmo ser uma segunda casa

Alunos 7.º B

“A nossa segunda casa” tem um espaço exterior enorme, árvores, um campo de futebol, um skate park, mesas para fazer piqueniques, um parque infantil, entre outras coisas. Esta nossa casa é habitada por muitas crianças e adultos. Que casa será esta? Alguém tem ideia?

Esta nossa casa tem várias atividades artísticas, desportivas, informáticas, ambientais e também uma biblioteca com vários livros, jogos e atividades de lazer e conhecimento.

Atividades desportivas: andar de skate, patins, tiro ao alvo, BTT, escalada, orientação, caminhadas, jogos coletivos.

Atividades artísticas: várias exposições que mostram o nosso projeto cultural, música, espetáculos teatrais, entre outros.

Atividades informáticas: vários quadros interativos, uma PS4, uma

## De onde vem o azeite?

**Vem das azeitonas que as crianças da educação pré-escolar e os alunos do 1.º ciclo apanharam na nossa escola, que tem muitas oliveiras. Apanhámos quilos e quilos de azeitonas e fizemos azeite no lagar da nossa terra, o lagar “Parrinha”. Desenhámos os rótulos e agora temos azeite. E percebemos todo o processo. A nossa escola é fantástica.**



sala de informática.

Temos projetos ambientais: ECO escolas, hortas, oliveiras (produção de azeite) e a nossa quinta pedagógica.

E agora já sabem qual é a nossa segunda casa?

Sim, a nossa segunda casa é a nossa escola. Os habitantes são crianças, jovens, adultos e os nossos animais: o Brito, que é um gato, e os animais da nossa quinta pedagógica. No Agrupamento de Escolas de Colos temos alunos da educação pré-escolar até ao 9.º ano, conhecemo-nos todos, não somos muitos, mas somos muito sortudos em ter uma escola com estas condições.

Nós na nossa escola gostamos mais de aulas práticas com atividades diferentes e não só as mesmas aulas expositivas. Gostamos de ter aulas no exterior, nas mesas de piquenique, de fazer visitas de estudo, de participar em projetos diferentes.

Nesta casa, para além de aprender fazemos amigos para a vida e criamos memórias inesquecíveis.



## Projeto de Arte Contemporânea

Os sete mil sobreiros e uma mão cheia de bolotas

No âmbito do Projeto Cultural de Escola (PCE) do Agrupamento de Colos, cujo tema é “Território como espaço de aprendizagem e desenvolvimento humano”, as duas turmas do 7.º ano têm desenvolvido diversas atividades. Uma delas foi proposta pelo escultor Jorge Camões, habitante do nosso território/concelho. Seria um projeto de arte contemporânea. Os alunos começaram por conhecer o trabalho de Joseph Beuys, que em 1982 “aglomerou 7000 blocos de basalto num grande largo em Kassel, na Alemanha”. Foi-lhes sugerida uma adaptação do trabalho deste artista à realidade alentejana – surgiu então a ideia do projeto dos 7000 sobreiros. Como o nosso agrupamento de

escolas é rico em espaço natural, este projeto faz todo o sentido. Os alunos apanharam bolotas no espaço escolar como forma de inspiração para a criação de pequenas esculturas em barro (bolotas). A criatividade manifestou-se também em aguarelas pintadas, uma por aluno, como representação de um sobreiro muito antigo, entretanto abatido, por levantar questões de segurança.

O PCE prevê a plantação de sobreiros no espaço escolar, como forma de levar toda a comunidade escolar a refletir sobre as questões ecológicas e a importância da biodiversidade.

Este projeto cria uma forte envolvimento entre a arte e a vida. A arte torna a vida mais bela, rica... **Alunos do 7.º A**



**Numa das atividades, os alunos do Agrupamento de Escolas de Colos apanharam bolotas e com elas criaram esculturas em barro**



## A volta ao mundo em 80 dias e a nossa escola

### Opinião

Tomás Gonçalves (7.ºB)

Ler livros é muito interessante, mas por vezes alguns jovens ainda não estão à vontade neste mundo fantástico de imaginação. Eu achei este livro de Júlio Verne muito bom e indico-o para alunos do 3.º ciclo. É fácil de ler, tem algumas imagens, o que melhora a experiência do leitor e a sua perceção do espaço. *A volta ao mundo em 80 dias* tem muitas aventuras e percorre vários lugares do mundo, o que nos ajuda a entender novas culturas, assim como o nosso Projeto Cultural de Escolas, que tem como tema o território.

Mas voltando ao livro, esta história passa-se na Inglaterra, entre os séculos XIX e XX, e conta a aventura de Phileas Fogg, um gentleman que apostou que conseguiria dar a volta ao mundo em 80 dias, o que naquela altura era uma tarefa muito difícil. É um livro com muitas reviravoltas e em que o leitor fica preso ao livro, porque quer sempre saber a próxima aventura.

Às vezes, na nossa escola, também quase que damos a volta ao mundo, pois temos muitos alunos de outras nacionalidades, ouvimos falar muitas línguas diferentes e percebemos que somos todos iguais, com as nossas diferenças, e como é importante todos os povos do mundo darem-se bem. **Com Pedro Silva**

## “Serviço Educativo” no Agrupamento de Escolas de Colos



Em fevereiro, o nosso Agrupamento organizou uma exposição na Escola de Colos, para mostrar os trabalhos feitos pelos alunos do 2.º e do 3.º ciclo. E foram os alunos do 7.ºB a servir de guias na exposição aos mais novos, da educação pré-escolar e do 1.º ciclo.

Após a visita à exposição, dinamizaram uma atividade com os alunos mais pequenos: as crianças tinham de escolher o trabalho que mais as inspirou e desenhar ou pintar sobre o mesmo. Os alunos fizeram trabalhos muito criativos e gostaram muito. Alguns pintaram

sobreiros, outros autorretratos e outros visões diferentes e criativas da nossa escola.

Gostaram todos da visita e pediram para fazermos mais atividades deste género.

Agora nós é que vamos fazer uma exposição com os trabalhos deles. Aguardem! São uns verdadeiros artistas.

Os trabalhos foram realizados no âmbito do nosso projeto cultural de escola, cujo tema é “Território como espaço de aprendizagem e desenvolvimento humano”.

**Pedro Silva, Maria Rita Romão e Laura Guerreiro, 7.ºB**

## Escola... Cultura... Entrevistas... Opiniões...

A turma do 7.º A fez pequenas entrevistas a alguns professores, no âmbito do Projeto Cultural de Escola (PCE). Eis aqui algumas das respostas que obtivemos.

A pergunta “sabe o que é o PCE?” todos responderam que sim. Relativamente à questão “os alunos já realizaram algum projeto?”, as respostas indicam que algumas turmas já tiveram atividades, outras ainda não, mas pretendem fazê-lo em breve. “Fizemos visitas aos espaços escolares, apanha da azeitona e visita ao lagar, trabalhos na horta e visitas de observação” contaram as professoras Tânia Ferreira e Vanda Pinela, que lecionam, respetivamente, Inglês ao 1.º ciclo e EV/ET do 2.º ciclo.

Quanto à pergunta “o que tencionam fazer?”, a professora

Marina Mogo, de Matemática do 3.º ciclo, respondeu-nos que gostaria de utilizar o espaço envolvente da escola para promover a aprendizagem da sua disciplina. Já a professora Ana Azevedo informou-nos que, no âmbito da disciplina de História, planeia fazer “uma articulação dos conhecimentos com a relação do homem e da natureza, por exemplo no neolítico”. Todos os professores que entrevistámos afirmaram que têm noção da importância do PCE para a escola, “porque possibilita a realização de outras atividades, a articulação de muitas disciplinas e é benéfico para os alunos”. Permite, além disso, “conhecer o nosso meio em termos culturais, realizar algumas exposições e desenvolver o interesse dos alunos pelo nosso território”.



## Vamos fazer um plano Serra da Estrela



# As artes que a escola tece

Para melhor compreender uma cidade, nada melhor do que começar por compreender a sua história, da mais antiga à mais recente. Dessa história fazem parte, naturalmente, as principais atividades produtivas da região. Na Covilhã, Serra da Estrela, não há como fugir à indústria da lã e não custa encontrar as suas marcas pelas ruas, tanto nos edifícios como na toponímia. Por lá andam muitos alunos que se sentem bem no meio da arte e dos artistas.

### Pegadas artísticas na cidade

Foi em setembro do ano passado que a turma B do 12.º ano da Escola Secundária Campos Melo deu início à execução de um projeto que foi sendo preparado durante vários

O que podem os alunos de uma turma de Artes fazer para melhor ficarem a conhecer a sua cidade e para a apresentarem a quem vem de fora? Na Covilhã a resposta chegou sob a forma de *workshops* e de uma grande pintura mural

meses e que culminou numa pintura mural no Clube União da Covilhã. O desafio lançado aos alunos foi criar uma composição que desse a conhecer a história da Rua do Peso da Lã, na qual se insere o Clube e que, tal como o nome indica, era um local de paragem e de pesagem da lã para que esta pudesse seguir para as etapas subsequentes da produção têxtil.

Tomando estas informações como ponto de partida, surgiram diversas ideias que se resumiram a duas mais consistentes e que foram trabalhadas por dois grupos. No entanto, apenas uma das sugestões de composição pôde ser selecionada.

“Cor”, “Covilhã” e “Contraste” são as três palavras que definem o projeto final que se apresenta como um encontro entre o passado e o presente da cidade, inevitavelmente ligados à indústria dos lanifícios e como um pequeno retrato da identidade visual da Cidade Neve. A pintura da longa

parede estendeu-se por três semanas intensivas que se traduziram, não só numa demonstração da enorme capacidade de organização e cooperação dos alunos na realização de um excelente trabalho, como também num enriquecimento das relações interpessoais na turma, tendo sido notório o impacto que esta experiência teve nestes jovens prestes a concluir o ensino secundário. **Vasco Marrocano, 12.º B**

### Workshop de “Feltagem de lã”

A turma do 12.º B de Artes Visuais da Escola Campos Melo teve a oportunidade de participar num *workshop* de feltagem de lã. Foi possível aprender todo o processo de transformação da lã em feltro e como se trabalha com ela, tornando-a assim numa arte que está também muito ligada à nossa Serra da Estrela. Durante muitas horas, criámos com a lã uma grande diversidade de peças: grandes, pequenas, coloridas, figurativas, abstratas...

Sentimos imensas emoções pelo meio, mas principalmente uma enorme liberdade artística. cremos que esta foi uma experiência única e libertadora, com a qual adquirimos muitas aprendizagens que certamente iremos utilizar em projetos futuros. **Ingrid Mazere, 12.º B**



### Dar asas à criatividade

No dia 28 de novembro de 2021, em contexto de visita de estudo, alunos da Escola Secundária Campos Melo, estudantes do Curso de Artes Visuais, acompanhados por alguns professores, deslocaram-se a Lisboa para visitar o Centro Cultural de Belém e ainda, com grande expectativa, a exposição *Rapture*, do muito prestigiado artista e ativista político-social Ai Weiwei, instalada na Cordoaria Nacional, com curadoria de Marcello Dantas.

A coleção permanente do CCB - que alberga as demais disparidades, controversias e atrevimentos da arte moderna e contemporânea, nacional

e internacional - permitiu a muitos dos estudantes contemplar pela primeira vez, de perto, *in loco*, obras de referência e deixar-se surpreender e cativar por muitas outras. Já a exposição temporária *Seja dia ou seja noite pouco importa*, de André Gomes e Pedro Calapez, suscitou reflexões sobre a noção de imagem, uma vez que os dois artistas trazem ao público duas abordagens distintas e algo insólitas desse conceito, através de técnicas de fotografia e pintura, respetivamente.

Na Cordoaria Nacional, a obra de Ai Weiwei foi entusiasmaticamente recebida pelos que consideraram ser de extrema relevância o seu propósito de crítica e intervenção social. Mas *Rapture* não se restringe apenas ao confronto com a realidade atual, permite



ainda uma experiência que convida ao fantástico e ao retorno ao passado. Também a variedade de técnicas e materiais a que o artista se propôs contribuiu para conquistar alunos e professores. **Ana Patrício, 12.º B**

### Mentes empreendedoras

O projeto das Mentes Empreendedoras tem como missão ajudar jovens do ensino secundário de todo o país a desenvolver competências importantes para um espírito empreendedor, tais como a liderança, a autonomia e a criatividade. Os “Clubes Mentes Empreendedoras” promovem a atitude “Eu quero! Eu posso! Eu faço!”, através da participação em *workshops* durante os dois primeiros anos do programa.

No terceiro ano, os mesmos alunos ajudam na formação e realização destes *workshops* em outras turmas de primeiro ano, o que lhes permite pôr em prática o que trabalharam nos clubes, motivar outros jovens a ganhar confiança e ajudá-los no seu desenvolvimento pessoal.

Tendo participado neste projeto enquanto turma, desenvolvemos capacidades úteis ao nosso crescimento e adquirimos uma atitude mais proativa em relação à sociedade. Tornámo-nos mais autônomos e aptos a superar os problemas do dia-a-dia. **Marlene Miranda, 12.º B**

A pintura mural no Clube União da Covilhã ocupou os alunos ao longo de três semanas

Workshop de feltagem de lã e um no âmbito do projeto das Mentes Empreendedoras

Em novembro (foto à esquerda), visita de estudo a Lisboa, com paragem no CCB e na Cordoaria



## Artes, a minha paixão

### Opinião

**Cristóvão Ribeiro, 12.º B**

Sempre nos ensinaram a interpretar a arte como uma marca radical de mudança dos tempos que faz a transição entre eras, como fosse uma mensagem oculta em si mesma, que só os mais cultos, inteligentes e mais “à frente do seu tempo” conseguem decifrar.

Talvez a criatividade seja o passaporte de fuga ao que há de mais material e mundano. Talvez seja ela que dá entrada para o mundo imaginário mais abstrato e humano que nós alguma vez vimos. Talvez seja isso a que nós, com tremenda dificuldade, chamamos arte.

Como disse Dalí, um génio com uma personalidade marcante que deixou um enorme contributo à arte, “sou demasiado inteligente para ser um bom pintor”, pois somos seres dotados de inteligência, porém passamos a vida a elogiá-la e a tentar provar o óbvio ao mundo.

Isso entorpece-nos e obriga-nos a camuflar os nossos sentimentos, bem como a esconder quem realmente somos. Como aluno de Artes do secundário, ao fim de três anos de estudo e experimentação, percebo que a arte contemporânea é marcada pelo progresso tecnológico e social, pela valorização da saúde mental e do indivíduo, debruçando-se ainda sobre as verdades do inconsciente.

Em suma, esta é uma arte que acompanha o curso natural do Homem e que, entrelaçada nas correntes do tempo, lhe permite expelir os seus desejos, preocupações e sentimentos.

Esta é a arte pela qual me apaixonei!



## Vamos fazer um plano **Cultura africana**



# Alma de Moçambique

Pequenos gestos e símbolos. Música, fotografia e cinema. A arte de adequar capulanas ao corpo e à personalidade dos clientes. De tudo isto é feito Moçambique e tudo isto o torna um país diferente

Por Ana Picolo, Ana Peral, Bruna Brito, Gerson Chilengue, Júlia Sacramento, Nicole Cunha, Priscila Tercitano, Tiana Silva - 12.ºA3

**M**oçambique é um país de grande diversidade cultural e populacional.

Possui uma herança cultural anterior à colonização portuguesa, com características distintas, que foram sendo integradas durante o processo histórico, devido ao contacto com outras culturas, línguas e tradições. É um país multilíngue, destacando-se a língua portuguesa e as línguas de origem bantu, que são ao todo 43 idiomas, salientando-se o macua, o tsonga (mais conhecido por shangaan), o sena, o lomwe, o chuwabu e o nianja.

Como Inhambane, “a terra da boa gente”, assim afamada, a sociedade moçambicana é também muito acolhedora.

Antigamente eram prestadas homenagens, saudações e juramentos aos régulos ou aos brancos. Quando estes chegavam a uma povoação, os seus habitantes sentavam-se sobre os calcanhares ou de pernas cruzadas e batiam palmas, tirando os chapéus em sinal de boas-vindas. Não muito diferente de como são recebidos, na atualidade, os estrangeiros. Quando chegam a uma povoação, casa, restaurante ou espaço social, continuam a ser tratados como se fossem da família. São saudados com um aperto de mão ou com o polegar erguido e nunca lhes será negada ajuda. Um prato de comida e água não se nega a quem precisar.

Em Moçambique há muita música, jogos e dança (alguma pertencente a rituais).

Tudo isto faz com que Moçambique seja um país humilde e de muito divertimento, carregado de pequenos gestos que o tornam diferente.

### Lenda sem nome

Situado na Praça dos Trabalhadores, em frente à Estação de Caminhos de Ferro, está o Monumento aos Mortos da Primeira Guerra Mundial, da autoria do escultor Ruy Gameiro, com a participação do arquiteto Veloso Reis. A inauguração desta escultura foi em 1935, quando Maputo ainda era Lourenço Marques, e teve como objetivo homenagear os moçambicanos e os portugueses que morreram na Primeira Guerra Mundial.

Na base podem observar-se vários símbolos que fazem referência às batalhas em Moçambique.

Sem qualquer referência à Primeira Guerra Mundial, existem várias lendas que são contadas de formas diferentes sobre esta mulher da estátua, mas com conteúdo idêntico. Conta-se que neste local, muito antes da Primeira Guerra Mundial, havia uma cobra que atacava o povo; um dia uma mulher decidiu dar-lhe fim. Com uma panela de xima (papa formada a partir de farinha de milho) muito quente, pôs-se por baixo da árvore onde a cobra se escondia. A cobra, ao tentar atacá-la, entra na

**Mauro Pinto nasceu em Maputo. O interesse pela fotografia acompanha-o desde sempre**



### Stewart Sukuma



**L**uís Pereira, mais conhecido por Stewart Sukuma, é um cantor moçambicano natural da província de Niassa.

Em 1977 foi para Maputo, onde aprendeu a tocar percussão, guitarra e piano, e em 1982 começou a cantar numa banda. O seu primeiro trabalho discográfico foi gravado, em 1983, para a Rádio Moçambique. Nesse mesmo ano, recebeu o Prémio Ngoma para Melhor Intérprete Nacional, em Moçambique. Logo se tornou um músico popular, ouvido nas estações de rádio moçambicanas.

É considerado o mais internacional e um dos mais dinâmicos músicos da actualidade moçambicana e é um símbolo da cultura de Moçambique e representante da Marrabenta.



panela e morre, daí a representação de uma mulher com uma panela na cabeça.

Esta mulher simboliza a mulher moçambicana que é celebrada no dia 7 de abril, uma mulher poderosa e corajosa que se supera para salvar a sua comunidade.

### Crítica de cinema

O filme moçambicano *Resgate*, do cineasta, escritor e produtor Mickey Fonseca, foi lançado no ano de 2019 e mais tarde exibido na Netflix. Está na categoria de *thriller* e drama, é um dos poucos filmes independentes de Moçambique e a primeira produção de um País Africano de Língua Portuguesa a chegar à Netflix.

Este filme foi gravado em Moçambique nos anos de 2017 e 2018. Para o produtor, tratou-se de uma grande realização para o país e para que fosse possível levar para o mundo uma criação de origem moçambicana.

A inspiração para o filme começou com os raptos, na altura, em Moçambique – daí partiu a ideia que levou a muitas outras, um suspense policial.

*Resgate* recebeu dois prémios: African Movie Academy Award: Melhor Roteiro” e African Movie Academy Award: Melhor Desenho de Produção”.

### Conversa com Mauro Pinto

Mauro Pinto nasceu em Maputo, em 1974, e é um dos mais relevantes fotógrafos moçambicanos. O seu interesse pela fotografia começou logo quando nasceu. Afirma que veio ao mundo como “questionador,

observador e interrogador dos processos humanos”. A sua obra é influenciada não só por Alexandre Júnior, com quem desenvolveu as suas primeiras experiências na área fotográfica, mas também por Ricardo Rangel, Frida Kahlo, Alberto Chissano, José Saramago e muitos outros autores.

A divulgação do seu trabalho desenvolve-se especialmente ao Centro Cultural Franco-Moçambicano e à Galeria III, que lhe proporcionaram o início do seu percurso “além fronteiras”.

Para o artista, a fotografia não é uma profissão, mas sim Arte. Como moçambicano que é, a sua cultura, o seu país e também o seu continente são fontes de inspiração inesgotáveis para as suas obras. Com o intuito de despertar consciências, a sua arte é provocatória e nasce do questionamento desde mundo que o rodeia. A fotografia é um caminho que o escolheu a ele e não o contrário; para Mauro Pinto “ser fotógrafo é SER”.

**A turma de 12.º ano, de Artes, da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (2021/22) desenvolve trabalhos gráficos de eventos da escola e deu continuidade, na disciplina de Oficina de Multimédia, ao Jornal Escolar Dezminu(tus), feito de alunos para alunos. Este projeto foi iniciado em 2020/21 e desenvolvido no ano letivo seguinte, com a edição de dois números por período, a sua distribuição em mão por todas as turmas de 9.º ano e do ensino secundário e divulgação através do Instagram**

### ENTREVISTA COM RUTH VARELA

“A matéria-prima é o ser humano”

**R**uth Júlia Mirim Varela é natural de Maputo, com raízes na província de Gaza. A visita ao seu atelier teve lugar em março de 2022, no âmbito das disciplinas de Oficina de Artes e Oficina de Multimédia.

**Como foi a sua infância?**  
Cresci com a minha avó materna, que era estilista, costurando para as igrejas, para mercadores e barqueiros. E eu fazia os vestidos das bonecas das meninas da vizinhança, com os restos dos tecidos. Como naquele tempo não havia televisão, já fazia *passerelles* na areia, onde as bonecas desfilavam.

**Como se tornou uma estilista conhecida?**

Em 1992 houve uma Expo Moda, em Maputo, e tive oportunidade de participar. No final do desfile fui considerada a melhor estilista africana dos anos 90.

**Onde se pode apreciar ou comprar as suas peças?**  
Aqui em Moçambique, Angola e Portugal.

E já fiz desfiles em vários cantos do mundo.

**O que é mais importante no seu trabalho?**

Gosto de fazer fusão da capulana com os tecidos árabes e persas, para criar o contraste. A inspiração não tem fases nem dias, acontece. É um trabalho muito gratificante, porque a matéria-prima é o ser humano.

**Quais são os seus sonhos?**  
Como estilista gostaria que Moçambique fosse uma capital da moda, que houvesse mais estilistas, mais jovens interessados nesta área.



A TUA



**DÁ NOTÍCIAS.  
NÓS DAMOS PRÉMIOS  
AOS MELHORES JORNAIS**

**Concurso  
Nacional  
de Jornais  
Escolares  
2021-22**

**8500€**  
em prémios

**160**  
jornais  
a concurso

Resultados no  
dia 31 de Outubro  
Sabe mais em:  
[publico.pt/publico-na-escola](http://publico.pt/publico-na-escola)



O PÚBLICO na Escola é um projecto de educação para os media do jornal PÚBLICO, em parceria com o Ministério da Educação e com o apoio da Fundação Belmiro de Azevedo

**Público**  
*na escola*

 REPÚBLICA  
PORTUGUESA | EDUCAÇÃO

 FUNDAÇÃO  
BELMIRO  
DE AZEVEDO